

Reportagens Radiofônicas Expandidas: Uma Proposta de Conceituação¹

Luana VIANA²

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

Este trabalho discute a composição de reportagens radiofônicas, reportagens multimídia e a hibridização desses formatos observados sob o ponto de vista do rádio expandido. Nosso principal objetivo é compreender produções radiofônicas pensadas para *web*, que ocupam novos espaços, são desvinculadas da identidade editorial do dial e se apropriam das características do meio digital para incorporar novos elementos. Após apresentarmos os três principais embasamentos utilizados (reportagem radiofônica, reportagem multimídia e rádio expandido), propomos a formulação de um conceito: o de reportagem radiofônica expandida como formato do rádio expandido.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Rádio Expandido; Reportagem Radiofônica Expandida; Comunicação.

Introdução

Esta pesquisa³ retrata como reportagens radiofônicas na *web* possuem características derivadas de produções radiofônicas tradicionais e de reportagens multimídias. A hibridização desses formatos quando observada sob uma ótica do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) resulta no que propomos chamar de reportagens radiofônicas expandidas. Estas construções buscam elementos de produções multimídia para atenderem aos objetivos da produção de rádio e efetuam isso, por exemplo, lançando mão de um viés humanizado, além de utilizarem os elementos da linguagem radiofônica na composição da narrativa sonora. Por outro lado, se apoderam de elementos multimidiáticos com a finalidade de diversificar a audiência, complementar

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto, pesquisadora no Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e no Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas (PPGCOM/UERJ). E-mail: lviana.s@hotmail.com

³ Este trabalho é derivado dos resultados apresentados pela autora em sua dissertação de mestrado intitulada “O áudio em reportagens radiofônicas expandidas”, orientada pela Prof.^a Dr.^a Debora Cristina Lopez.

as informações presentes nos áudios e possibilitar múltiplos caminhos de leitura para o ouvinte-internauta.

A reportagem radiofônica, entre outros elementos, se caracteriza pela participação do ouvinte – principalmente no que diz respeito à sugestão de pautas –, pela linguagem sonora com viés radiofônico, a narrativa linear, a efemeridade da informação e o aprofundamento do acontecimento. Já as produções multimídias permitem a participação do usuário, caracterizam-se por uma linguagem multimídia, utilização de hipertextos, narrativa multilinear e o registro da informação, entre outros.

Ao se apropriar da *web*, o rádio expande suas possibilidades narrativas apoderando-se, inclusive, das características correspondentes às reportagens multimídias sem deixar de lado a essência da narrativa radiofônica. O conceito de rádio expandido abrange a existência do meio na internet, espaço em que ocorre a hibridização do formato radiofônico com o multimídia, como dito acima, e é com base nessas três vertentes – reportagem radiofônica, reportagem multimídia e rádio expandido – que construímos nossa proposta.

Como metodologia, optamos por apresentar uma revisão bibliográfica que indica o caminho teórico percorrido para a construção do conceito. A partir disso, este trabalho tem como objetivo discutir como o rádio pode explorar os potenciais oferecidos pelas plataformas digitais sem que haja uma perda de sua identidade e apresentar a reportagem radiofônica expandida como formato do rádio expandido.

Três Embasamentos para a Construção do Conceito

O primeiro eixo condutor utilizado como base desta pesquisa é a reportagem radiofônica que, diferentemente daquelas publicadas no impresso ou das veiculadas pela televisão, não possui originalmente imagens ou ilustrações para compor a narrativa. A sua linguagem é exclusivamente sonora, mas para contextualizar e prender a atenção do ouvinte utiliza-se de algumas particularidades na produção, como elementos sonoros e não sonoros – palavra, música, efeitos sonoros e silêncio (Balsebre, 2005, p. 329) que, por meio da tecnologia, levam a mensagem ao ouvinte. Este, por sua vez, possui percepção sonora e imaginativo-visual que vão constituir o processo de decodificação da mensagem.

Considerado um componente intrínseco à linguagem verbal, engana-se quem pensa que o silêncio é utilizado apenas para separar palavras e frases ou permitir que o

locutor respire. Este item “potencializa a expressão, a dramaticidade e a polissemia da mensagem radiofônica, delimita núcleos narrativos e psicológicos e serve como elemento de distância e reflexão” (FERRARETTO, 2014, p. 35). Desse modo, também podemos afirmar que

a música e os efeitos exploram a sugestão, criando imagens na mente do ouvinte. São auxiliados pelo tom e pela flexão da voz. Os efeitos, em geral, permitem ao público ver o que está sendo descrito, e a música possibilita ao ouvinte sentir o que se transmite. Servem também para pontuar a mensagem (FERRARETTO, 2014, p. 194).

Para Balsebre (2005), a palavra é imaginada, tornando-se fonte evocadora de uma experiência sensorial mais complexa. O autor afirma, inclusive, que o texto escrito é um texto sonoro, “por isso é necessário integrar na redação todos os recursos expressivos que conotam a referida impressão de realidade acústica, dando a mesma sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado” (BALSEBRE, 2005, p. 330). Já a música radiofônica produz uma multiplicidade de sensações que contribuem para a criação de imagens auditivas e possui duas funções estéticas básicas: “expressiva, quando o movimento afetivo da música cria ‘clima’ emocional e ‘atmosfera sonora’, e descritiva, quando o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem a cena de ação de um relato” (BALSEBRE, 2005, p. 333).

O efeito sonoro tem quatro funções: a) ambiental; b) expressiva; c) narrativa; e d) ornamental. Na ambiental pode-se representar a divisão de ambientes, a passagem de tempo, entre outros, enquanto que como função atmosférica pode-se representar tonalidades psicológicas, como mistério, suspense, alegria, etc. A função narrativa “se desenvolve quando o efeito sonoro produz o nexo entre duas cenas de narração. Por exemplo, doze badaladas representando a noite e o canto do galo e dos pássaros, o dia” (BALSEBRE, 2005, p. 334). Por fim, a ornamental se apresenta mais como estética, dando harmonia e fortalecendo a produção de sentido imaginário do ouvinte. Acrescentamos que “a sonoridade (...) tem seu papel também nos objetivos de quem fala. Isto é, o perfil da fonte que analisa ou conta sua história, sua função na reportagem e a visibilidade dada aos sons do espaço são definidores da estrutura do gênero” (VIANA, 2016, p. 5).

A reportagem radiofônica também é caracterizada por sua efemeridade, pois a mensagem depois de transmitida se perde, não há o registro como ocorre no impresso. A composição de sua narrativa é linear, o ouvinte segue uma ordem de consumo

previamente definida pela emissora, e esse tipo de produção permite ao repórter a possibilidade de trabalhar com mais liberdade, determinando os rumos e angulações do produto. Para Ferraretto (2014, p. 153), a reportagem radiofônica “é uma ampliação quantitativa e qualitativa. Em dose variável, pode aparecer um toque pessoal do repórter, certo estilo na estruturação da narrativa, dependente da maior ou menor criatividade do profissional, das circunstâncias do ocorrido e das características do público”, enquanto para Barbosa Filho (2003, p. 89), o estilo reportagem amplia o caráter minimalista do jornalismo e oportuniza aos ouvintes uma noção ampla mais aprofundada a respeito do fato narrado.

Como há tempo limitado de veiculação, essa ampliação apontada pelos dois pesquisadores pode ocorrer, dentre outras maneiras, por meio da reconstituição de memória, na qual recursos são utilizados – como, por exemplo, áudios históricos – para maior contextualização do tema tratado: “ao contar histórias baseadas em depoimentos e lembranças, o rádio permite ao ouvinte resgatar e vivenciar o passado no tempo presente” (VIANA, 2015, p. 6). Ambos os autores, em suas citações, revelam que esse tipo de produção é construído visando o interesse do público e, no rádio, a audiência sempre foi participativa. Quando nos referimos ao envolvimento dos ouvintes, remetemos às cartas, aos telefonemas e às visitas às emissoras. Na reportagem, o público participa, principalmente, sugerindo pautas. Por fim, essa produção

permite também que o jornalista atenda a uma das funções essenciais do radiojornalismo: contar histórias. É nelas que o personagem assume protagonismo e permite a construção de uma ponte entre os sujeitos que compõem a audiência, a emissora e o acontecimento em si (VIANA, 2016, p.1).

Quando o rádio passa a ocupar outros espaços, a reportagem radiofônica mantém algumas de suas particularidades cruciais, mas também se apropria das potencialidades das novas plataformas para a construção da narrativa. O áudio, por exemplo, permanece em destaque nas produções e é construído como um eixo condutor, principalmente quando os textos que o acompanham ocupam o papel do narrador explícito. Já a sua linguagem, por exemplo, divide espaço com outros formatos como vídeos e fotografias. Seguimos, então, para a segunda perspectiva que compõe esse trabalho, a reportagem multimídia.

Freire e Carreiro (2010, p. 324) consideram “a webreportagem como uma potencialização da reportagem categorizada pelos estudos de gêneros oriundos do

gênero impresso” e apontam que o hipertexto, a interatividade e a multimídia são os principais elementos desta adequação ao novo meio que permitem a incorporação de diferentes estilos.

No início da internet, e em paralelo às ações de inovação, produtos jornalísticos do meio digital utilizavam – ou adaptavam – os formatos de gêneros textuais até criarem uma própria identidade. Não há, ainda, uma definição consolidada para as novas plataformas, mas algumas características se destacam e as tornam diferentes dos estudos direcionados para o impresso.

A maioria dos autores que trabalhou na classificação de gêneros jornalísticos esteve baseada na separação entre forma e conteúdo, o que gerou a divisão por temas, pela relação do texto com a realidade (opinião e informação) e deu vazão ao critério de intencionalidade do autor, que realiza uma função (opinar, informar, interpretar, entreter) (SEIXAS, 2004).

Com o ambiente digital, a tendência é caminhar para a hibridização, não separando mais forma e conteúdo. O produto é feito diretamente na *web* para ser consumido na *web*. Isso significa que ainda não há uma estrutura bem definida, as mídias que agora também coexistem na internet, como o rádio ou a TV, ainda estão experimentando e descobrindo as potencialidades apresentadas pelo meio digital na composição de seus respectivos conteúdos.

Segundo Bertocchi (2005, p. 1296-1297), “o meio digital provoca o surgimento de espécies *sui generis*, como, por exemplo, os infográficos interativos”, ou seja, essas espécies são únicas, originais e só existem nesse meio. Esses formatos estão disponíveis, muitas vezes, nas reportagens em plataformas digitais, que utilizam da multimídia e da linguagem hipermídia para desenvolverem a narrativa jornalística. As reportagens multimídias, ou “formatos noticiosos hipermidiáticos”, são produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação que contêm as características de multimídia, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da hipermídia e do ambiente digital e *online* de informação (LONGHI, 2014, p. 14).

Estas produções são constituídas por uma linguagem multimídia decorrente da convergência das mídias, já que vários formatos estão juntos para compor a narrativa. Esta, por sua vez, ganha uma nova identidade deixando de ser linear tornando-se multilinear, pois o usuário pode escolher os caminhos que deseja percorrer ao consumir os produtos em ambiente digital. A hipertextualidade também está presente nas

produções, diferentes blocos de informações estão interconectados, *links e hiperlinks* permitem maior contextualização da informação. Essas mudanças implicam em novas produções jornalísticas e, conseqüentemente, na formação de novas audiências. As possibilidades de construção das narrativas ganharam dimensões ínfimas, potencializando a participação do público ao qual elas são destinadas.

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos (JENKINS et al., 2014, p. 43).

O envolvimento dos consumidores no processo de construção e de difusão da informação é inevitável. Ao acompanharmos essas transformações, compreendemos que o compartilhamento de conteúdo não é exclusivo dessas ferramentas tecnológicas, pois há muito tempo dividimos histórias e experiências boca a boca, transmitindo diversas informações. E que, desde sempre, compartilhar faz com que a mensagem chegue a pessoas não envolvidas inicialmente nas produções, potencializando a diversificação de audiências.

A construção de uma reportagem multimídia busca maior profundidade e contextualização do tema tratado e, na maioria das vezes, seu produto é exclusivo para a plataforma digital, ou seja, a *web* é o único lugar no qual ele é veiculado. Apontamos um grande diferencial para esse tipo de produção, que é a possibilidade de atualização contínua do conteúdo, o que não pode ser realizado pelos outros meios de comunicação. A cada novidade acerca do tema, a reportagem multimídia pode conter mais informações e manter a característica de sempre trazer novidades, se esse for seu objetivo. Tal fato decorre de uma das particularidades da *web*, que consiste em não possuir limites de tempo e espaço, o que intensifica a criação de banco de dados. Outra possibilidade oferecida é a imersão na narrativa, pois as ferramentas multimídias permitem, cada vez mais, uma representação da realidade trazendo ousadia e inovação para os produtos jornalísticos. A tendência que se percebe na construção dessas reportagens multimídia é

a proposta de consolidar a passagem do trabalho de justaposição, onde peças de diferentes mídias são diagramadas em conjunto em uma mesma seção online, mas sem necessariamente estarem realmente integradas; para uma experiência de imersão proporcionada por peças que se complementam e formam uma nova unidade multimídia (LENZI, 2016, p. 164).

O ideal é que o conteúdo de cada mídia utilizada seja diferente do que o texto traz para que os usuários encontrem conteúdos novos a cada experiência. Isso facilita o interesse do público pela produção diante de tantas opções oferecidas no universo digital. Para Winques (2016, p. 59), “a grande reportagem multimídia se consolida como um dos principais modelos expressivos do webjornalismo contemporâneo”, mas ainda é um gênero em pleno desenvolvimento que acompanha a evolução da plataforma em que se insere.

Quando uma grande reportagem é publicada no meio impresso, utiliza-se de apenas imagens e texto, enquanto que quando veiculada por uma rádio, somente do áudio. O espaço destinado a essas grandes produções na *web* permite a junção de todas essas mídias, como já apresentado. Então, quando uma reportagem radiofônica é produzida em meio digital, além de considerarmos que o áudio compõe a espinha dorsal dessa estrutura, temos em mente que outros elementos midiáticos estão presentes na narrativa radiofônica. Essas outras ferramentas, como imagens, texto, vídeos, infográficos, entre outros, são elementos parassonoros (KISCHINHEVSKY E MODESTO, 2014) que acompanham os áudios em ambiente digital sem descaracterizar a comunicação radiofônica. Dessa forma, acreditamos que as reportagens radiofônicas nessa plataforma, além de representarem uma nova composição de conteúdo, retratam a ocupação de outros espaços, retomando a definição de rádio expandido, nossa terceira perspectiva.

Kischinhevsky (2016) aponta que o rádio transbordou para outras plataformas. Para o pesquisador, é agora um meio expandido que extrapola as ondas hertzianas e está presente em diversos espaços – como nas TVs por assinatura, mídias sociais, telefones celulares, etc – além de discutir sobre o potencial de interação: “o rádio expandido, remediado pelos meios digitais, pode oferecer não apenas seus elementos sonoros tradicionais – voz, música, efeitos –, mas também imagens, vídeos, gráficos, links para blogs e toda uma arquitetura de interação” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 133). Essa estrutura é composta por botões de compartilhar, etiquetar, curtir, espaços para comentários, menus, entre outros.

Além de destacar a arquitetura de interação como uma das unidades presentes no rádio expandido, Kischinhevsky (2016, p. 82) aponta outras quatro⁴: multimídia; hipertextualidade; personalização; e memória. Por empregar esses elementos em paralelo ao áudio, as reportagens radiofônicas para a internet são frequentemente classificadas apenas como reportagens multimídias, sem a percepção de que o áudio é o principal fio condutor da história. O que caracteriza esse papel principal dos arquivos sonoros é a maneira como ele é construído e utilizado com base nos elementos característicos da linguagem radiofônica, como música, palavra, efeitos sonoros e silêncio, e na composição de histórias, seja por meio de personagens ou as de interesse humano. Visto isso, é a partir da multimídia que as reportagens radiofônicas expandidas serão construídas, considerando que as produções para rádio – assim como o próprio meio – também ocupam novos espaços e se apropriam das características disponíveis para reconfigurar sua linguagem.

A Reportagem Radiofônica Expandida

Propomos aqui um conceito de reportagem radiofônica expandida a partir da definição de rádio expandido, cruzando-o com características das reportagens radiofônicas e multimídia. A escolha por esses atributos parte do desenho conceitual feito por meio da nova ecologia midiática (CANAVILHAS, 2011, p. 16), que abrange três fatores: os meios e suas relações, como ocorrem os consumos midiáticos e a ação do consumidor no ecossistema.

Essa proposta é um formato para o rádio expandido a partir dos três eixos principais apontados. Na reportagem radiofônica expandida, observamos os potenciais usos do áudio reiterando a característica de proximidade da composição sonora radiofônica – que utiliza a exploração de história de vida, personagens e da emocionalidade através da trilha sonora e efeitos – com a complexificação característica das produções multimídia e produções especiais.

Como vimos, a linguagem radiofônica é construída a partir da voz humana, música, efeitos sonoros e silêncio (FERRARETTO, 2014; BALSEBRE, 2005) e precisa ser planejada de maneira clara, concisa, simples e outras peculiaridades. Utilizando-se desses elementos, a reportagem de rádio tem como objetivo proporcionar uma noção

⁴ Essas unidades são baseadas nas categorias estabelecidas por Palacios et al. (2002) para análises de portais de webjornalismo (interatividade; hipertextualidade; multimídia/convergência; personalização e memória). Kischinhevsky (2016, p. 82) acredita que essas categorias adaptadas podem ser úteis para uma melhor compreensão do rádio expandido.

mais aprofundada do fato narrado através de histórias de interesse humano, com destaque para o relato da vida humana, e do uso mais intenso, expressivo e diverso dos diferentes elementos da linguagem sonora com a utilização de diversas vozes. O ouvinte tem participação nessas produções, que são compostas, inclusive, por uma narrativa linear e efêmera. Já a reportagem multimídia oferece uma narrativa multilinear com linguagem multimídia e hipertextualidade presentes nas produções e, conseqüentemente, maior profundidade e contextualização do tema tratado.

Reiteramos que o conceito de rádio expandido tem suas raízes nos princípios de midiamorfose⁵ (FIDLER, 1998) e de remediação⁶ (BOLTER E GRUSIN, 2000), e que a ocupação de novos espaços por essa mídia vai incorporar algumas de suas características originais utilizando-se de outras presentes no meio remediador: enquanto algumas são potencializadas, outras são apagadas. Dessa forma, apontamos que a nossa proposta de conceito se apropria de particularidades da reportagem radiofônica desenvolvida em ambiente multimídia com características do rádio expandido, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 – Formação do conceito de reportagem radiofônica expandida

Reportagem Radiofônica	Reportagem Multimídia	Rádio Expandido⁷	Reportagem Radiofônica Expandida
Participação do ouvinte	Participação do usuário	Arquitetura da interação	Espaço de interação com os ouvintes-internautas e compartilhamento de arquivos de áudio
Linguagem sonora	Linguagem multimídia	Multimedialidade	Linguagem multimídia com destaque para o áudio
Produção sem linkagem	Hipertextualidade na produção	Hipertextualidade	Hipertextualidade na produção
Narrativa linear	Narrativa multilinear	Personalização	Narrativa multilinear

⁵ Conceito que explica as transformações dos meios de comunicação, “sendo estas resultado de interações entre necessidades percebidas, pressões políticas e de competência e de inovações sociais e tecnológicas” (FIDLER, 1998, p. 21).

⁶ A remediação acontece quando uma mídia representa ou renova as formas de outra mídia, recebendo um novo propósito, assim como uma estrutura inédita e um uso original.

⁷ Os elementos referentes ao rádio expandido são categorias que Kischinhevsky (2016, p. 82) acredita serem úteis para uma melhor compreensão do formato. Estão detalhadas no capítulo de metodologia desta dissertação.

Reportagem Radiofônica	Reportagem Multimídia	Rádio Expandido	Reportagem Radiofônica Expandida
Efemeridade da informação	Registro da informação – banco de dados	Memória	Formação de banco de dados

Fonte: elaboração própria

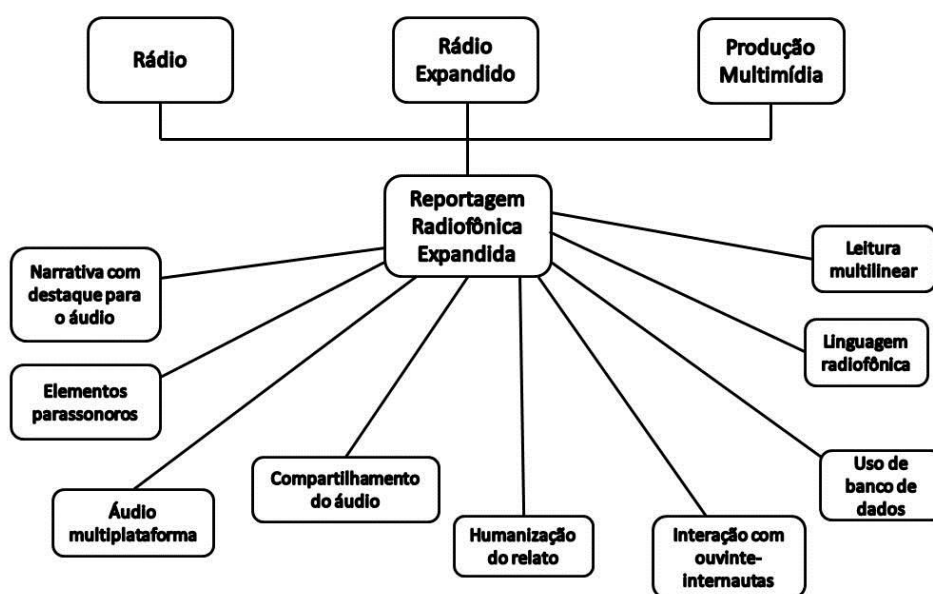
No conceito proposto, a arquitetura da interação vai ser caracterizada pelos espaços disponíveis na reportagem para interação com os ouvintes-internautas e pelo compartilhamento dos arquivos de áudio, elementos que partiram da participação do ouvinte/usuário nas radiofônicas e multimídias e que foram reconfiguradas para o rádio expandido. São importantes por agregarem as duas perspectivas de contribuição do público, fato primordial tanto no rádio quando na *web*; a multimedialidade aparece em uma linguagem multimídia com destaque para o áudio, característica protagonista no conceito proposto; a hipertextualidade vai permitir que blocos de informações sejam unidos através de links, proporcionando um aprofundamento do tema tratado ao explorarem o espaço disponível pela plataforma para complementar narrativas, esse aprofundamento é importante para integrar informações presentes no áudio; a personalização pode ocorrer por meio da narrativa multilinear, na qual o ouvinte-internauta pode escolher os caminhos percorridos dentro da produção; e a memória aparece com a formação de banco de dados que podem retomar conteúdos já tratados ou trazer elementos complementares. Isso se torna exequível com a possibilidade de armazenamento de conteúdo por parte das emissoras, “se a internet trouxe para os outros media uma das mais poderosas características, a imediatez e a instantaneidade, para a rádio trouxe aquilo que no éter não era possível, a possibilidade de congelar o tempo e de se converter num imenso arquivo sonoro vivo” (REIS, 2015, p. 37).

Em relação à estética desses arquivos sonoros e considerando as possibilidades oferecidas pelo meio digital, a exploração de um cenário acústico tem potencial para ser diferente de uma produção para antena, em que, por exemplo, a música é explorada primordialmente através do BG ou de inserções informativas emocionais, mas normalmente coordenada com *offs*, sonoras e efeitos. No caso da reportagem radiofônica expandida, os elementos da linguagem podem ser explorados sozinhos para criar uma ambientação isoladamente da voz, o que é raramente encontrado no radiojornalismo de antena. Entretanto, destacamos que o perfil geral da informação

ainda se aproxima das características do rádio, que é próximo e intimista, utiliza-se da humanização do relato por meio do uso de personagens e oferece uma perspectiva mais aprofundada do fato, contribuindo, inclusive, para a criação do imaginário do ouvinte-internauta.

Propomos que, para se caracterizar como uma reportagem radiofônica expandida ideal, a produção voltada para as plataformas digitais deve possuir destaque para o áudio que é acompanhado de elementos parassonoros que vão servir como complementação. Deve, prioritariamente, transcender o dial, atingindo novas plataformas, como redes sociais ou aplicativos de dispositivos móveis através de compartilhamento ou *download* desses arquivos. A reportagem deve ser multilinear, permitindo que o ouvinte-internauta escolha o caminho que deseja seguir ao acessar as informações que também podem ser encontradas em bancos de dados disponibilizados e possibilitar a interação com ouvintes, seja através de espaço para comentários ou por meio de contato com os produtores:

Figura 1 – Reportagem Radiofônica Expandida



Fonte: elaboração própria

Reiteramos que esses atributos são apontados como uma tendência geral de construção de reportagens radiofônicas expandidas e, para exemplificar⁸, indicamos a reportagem “Marvila. O lado invisível de Lisboa⁹”, da Rádio Renascença, emissora portuguesa. Nesta produção, encontram-se todos os itens sugeridos que compõem uma reportagem radiofônica expandida.

A produção de reportagens radiofônicas expandidas é importante não apenas para que o rádio se enquadre na linguagem digital como uma forma de adaptação, mas para aprofundamento da informação, ampliação da audiência e por oferecer novas possibilidades de leitura. Essas apropriações decorrem das características da audiência e do cenário contemporâneos, que possuem um perfil de consumidores de comunicação em ambientes digitais, reverberando na linguagem, no formato, nos conteúdos apresentados e nos espaços ocupados pelo rádio (LOPEZ et al., 2015, p. 195).

Considerações Finais

Ao ocupar espaços que vão além da transmissão via antena, o rádio somou forças: com a ubiquidade da internet é possível consumi-lo em qualquer lugar que se tenha acesso à rede, seja por meio de *smartphones*, *tablets*, computadores, *notebooks*, televisão, entre outros. No entanto, há muito a se construir em relação às produções que estão disponíveis na *web*, pois o rádio ainda não se apropria de todas as potencialidades oferecidas por essa plataforma. As reportagens radiofônicas começaram a se hibridizar com as multimídias, resultando no que propomos a conceituar nessa pesquisa como reportagens radiofônicas expandidas (RRE).

As produções que se enquadram de forma ideal nesse conceito são caracterizadas por possuírem o áudio como destaque; seus arquivos sonoros devem ser multiplataforma e apresentarem possibilidade de compartilhamento, o que proporciona a circulação de conteúdos; os arquivos sonoros devem ser construídos com uma linguagem radiofônica e com um relato humanizado; deve haver utilização de elementos parassonoros e criação de banco de dados; e a reportagem tem que oferecer uma leitura multilinear e interação com os ouvintes-internautas. Esses atributos se encaixam nas cinco categorias que Kischinhevsky (2016) acredita serem úteis para uma melhor

⁸ Estudos de caso e aplicações utilizando o conceito de reportagens radiofônicas expandidas podem ser encontradas na dissertação da autora: “O áudio em reportagens radiofônicas expandidas”.

⁹ Disponível em: http://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa Acesso: 1 jul. 2017.

compreensão do rádio expandido: arquitetura da interação, multimídia, hipertextualidade, personalização e memória, como vimos.

Mesmo que um especial possua todos os atributos do conceito proposto, as produções podem ser bem diferentes entre si de acordo com a quantidade de itens presentes e com a organização editorial, de enquadramento, de temática, sempre de acordo com o que cada pauta necessita. Ao apresentarmos atributos definidores da reportagem radiofônica expandida, acreditamos que as produções em geral podem possuir a maior parte das características, mas não necessariamente todas, pois a questão do eixo sonoro é a mais importante, formato que deve aparecer como elemento principal da narrativa com características radiofônicas e elementos parassonoros.

Diante do atual cenário de estudos relacionados ao fazer radiofônico, apresentar uma proposta de formato para o rádio expandido consiste em prever investigações cada vez mais específicas sobre novos formatos dentro de uma nova ecologia de mídias. Assim como os meios se modificam para se adaptarem às novas tecnologias e às mudanças sociais, políticas e econômicas, os conteúdos também se reconfiguram e cabe a nós, pesquisadores, acompanharmos o que surge e o que deixa de existir.

REFERÊNCIAS

- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos** – Vol I. Florianópolis: Insular, 2005.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BERTOCCHI, Daniela. **Gêneros jornalísticos em espaços digitais**. Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Universidade de Aveiro, Portugal, 2005.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding news media**. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- CANAVILHAS, João. **El nuevo ecosistema mediático**. Index Comunicación, vol. 1, p.13-24, 2011.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Summus, 2014.
- FIDLER, Roger. **Mediamorfosis. Comprender los nuevos medios**. Buenos Aires, Granica, 1998.
- FREIRE, Marcelo; CARREIRO, Rodrigo. Audio slideshow como formato para reportagens multimídia baseadas em som. In: Luciano Klöckner; Luiz Artur Ferraretto. (Org.). **E o Rádio? Novos Horizontes Midiáticos**. 01ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 318-330, 2010.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. **Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica.** Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, p. 12-20, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

LENZI, Alexandre. **Multimedialização como valor-notícia de construção: a experiência do UOL TAB.** Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo, v. 3, p. 159-174, 2016.

LONGHI, Raquel Ritter. **O turning point da grande reportagem multimídia.** In: Revista Famecos. Porto Alegre, v. 21, n. 3, setembro-dezembro 2014. p. 897-917, 2014.

LOPEZ, Debora Cristina; VIANA, Luana; ALVES, Ticiane; FERREIRA, Laís; SANTOS, Priscila. **Audiência radiofônica: a construção de um conceito a partir da metamorfose do meio.** Revista Ação Midiática: Estudos em Comunicação Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Paraná. Nº 10, p. 181-198, 2015.

REIS, Ana Isabel. **O Áudio nas cibernotícias das rádios.** Lisboa: Media XXI, 2015.

SEIXAS, Lia. **Gêneros jornalísticos digitais. Um estudo das práticas discursivas no ambiente digital.** Artigo apresentado no XIII Encontro Anual da COMPÓS, São Bernardo do Campo, 2004.

VIANA, Luana. **Discutindo a reportagem radiofônica expandida: o áudio como fio condutor da narrativa.** In: Anais do IX Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de Minas Gerais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

VIANA, Luana. **Rádio e memória: um estudo sobre a narrativa no rádio expandido através da reportagem especial “Muro de Berlim 20 anos”.** In: Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

WINQUES, Kérley. **Tem que ler até o fim? O consumo da grande reportagem multimídia pelas gerações x, y e z nas multitelas.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2016.